Cuiabá-MT, 01,02,03 e 04 de fevereiro de 2014

Fonte: www.rdnews.com.br

4 de fevereiro de 2014

PS de Cuiabá sem cirurgias eletivas

Camila Cecílio

Pelo menos 25 cirurgias eletivas (que são agendadas) deixaram de ser realizadas no Pronto-Socorro de Cuiabá desde o último dia 29, por falta de anestesistas. Segundo a gerente da Cooperativa dos Médicos Anestesiologistas do Estado (Coopanest), Flávia Fernandes, os especialistas que atuam na unidade reduziram o número de profissionais, por trabalharem desde novembro sem contrato e três meses com salários atrasados.

Por dia, três anestesistas prestam serviço no local, no entanto, há uma semana apenas dois estão incumbidos de atender a população que precisa de atendimentos emergenciais, sendo designado somente um para realizar os procedimentos cirúrgicos eletivos. De acordo com a gerente, o número é insuficiente e tem causado transtornos no hospital, já que vários pacientes não conseguem ser atendidos. Estima-se que até agora mais de 140 cirurgias eletivas foram suspensas.

Flávia explica que o contrato com a Prefeitura de Cuiabá e secretaria municipal de Saúde (SMS) expirou e, desde então, a categoria vem tentando regularizar a situação com o Executivo. “Não temos mais nenhuma obrigação com a prefeitura, estamos indo [trabalhar] porque prevaleceu o bom senso”, afirma.

Conforme a gerente, a expectativa é que a situação seja regularizada até sexta (7), segundo promessa do Executivo municipal. Do contrário, apenas um anestesista deve atender a partir da semana que vem. “Vamos esperar, queremos o serviço, mas não acreditamos mais em promessas”, salienta.

Ao todo, 27 profissionais da especialidade atendem no Pronto-Socorro, sendo que 15 são da cooperativa e 12 concursados. Os servidores efetivos trabalham por escala, de forma que a cooperativa completa o quadro de profissionais para dar conta da demanda de pacientes.

A assessoria de imprensa da secretária de Saúde disse que a negociação está sendo feita e que o atendimento é realizado normalmente, suspendendo cirurgias eletivas.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Política Sábado, 01 de fevereiro de 2014, 00h00

SÓ O HOSPITAL BOM JESUS

UPAs apenas depois do Mundial

Sissy Cambuim / Da Redação

Sob o argumento de sediar os jogos da Copa do Mundo, o prefeito de Cuiabá, Mauro Mendes (PSB) conseguiu, ainda no ano passado, a liberação de mais duas Unidades de Pronto Atendimento (UPA) para a Capital. Contudo, no final de 2013 ele admitiu que a única unidade de saúde que estaria concluída até o Mundial da Fifa seria o Hospital Bom Jesus de Cuiabá.

Após a assinatura do contrato de locação do hospital, Mendes foi convocado para uma audiência no Ministério da Saúde na última terça-feira (27). De acordo com o prefeito, a reunião teve com objetivo a discussão acerca da participação dos governos estadual e federal no custeio da unidade...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Nacional Sábado, 01 de fevereiro de 2014, 00h00

OBESIDADE

Programa pode ser um aliado para o combate

Andreia Verdélio / Brasília-ABr

O esforço do Poder Público em tirar as famílias da pobreza e elevar sua renda por meio de programas sociais abriu espaço para uma nova discussão: a falta de qualidade dos alimentos consumidos pela população. Segundo o Secretário Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, do Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), Arnoldo Campos, esse é o mais recente desafio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Segundo ele, com o aumento da renda e a autonomia das famílias para adquirir seus alimentos, a população passou a ter uma alimentação baseada em poucos produtos. "Com a renda vem o consumo e uma oferta grande de produtos cheios de gordura e baixo teor nutricional. O Brasil já enfrenta o problema da obesidade e sobrepeso e o PAA pode ser uma alternativa interessante de oferta de alimentos saudáveis e sustentáveis", disse Campos que participou do programa de rádio Brasil em Pauta, da Secretaria de Imprensa da Presidência da República em parceria com a EBC Serviços...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Nacional Sábado, 01 de fevereiro de 2014, 00h00

PRÓSTATA

Remédio adia químio em câncer

Fabiana Cambricoli / São Paulo-AE

Um remédio para câncer de próstata atualmente indicado apenas a pacientes que passaram por quimioterapia se mostrou eficaz também no adiamento da necessidade do procedimento e na ampliação do tempo de sobrevida de homens com casos avançados da doença. Os resultados são de um estudo apresentado nesta quinta-feira, 30, no Simpósio de Cânceres Geniturinários, em São Francisco (Estados Unidos)...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Cidades Domingo, 02 de fevereiro de 2014, 00h00

TRANSPLANTE CÓRNEA

Espera dura até 6 meses

Amanda Alves / Da Redação

A espera por um transplante de córnea em Mato Grosso leva até 6 meses no Sistema Único de Saúde (SUS), enquanto o ideal seriam 60 dias. Apesar de 3 vezes maior do que o previsto, a Central de Transplantes considera tolerável o tempo máximo de espera diante da condição deficitária da rede de saúde. A concentração dos serviços de captação e transplante na Capital é um dos obstáculos a ser superado para acelerar o programa, que ainda tem o desafio de retomar a transferência de órgãos entre doadores e receptores. Há 6 anos apenas transplante de córnea é realizado no Estado...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Cidades Domingo, 02 de fevereiro de 2014, 00h00

Demanda grande por outros procedimentos

Da Redação

A captação e transplante de órgãos são demandas reivindicadas por pacientes e entidades ligadas à saúde no Estado. No processo de captação dos tecidos, órgãos como rins e corações deixam de beneficiar os receptores em fila de espera. A demanda por rins é grande se for considerar o número de pessoas que realizam hemodiálise e são potenciais receptores. São cerca de 1,8 mil em Mato Grosso que estão submetidos à terapia de substituição renal.

A substituição de um rim não é um tratamento alternativo e nem sempre indicado para todos que estão submetidos à hemodiálise. Mas, poderia sugerir uma opção para a rede que trata desses pacientes. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público de Mato Grosso (Sintep/MT), Elza Queiroz considera "falta de responsabilidade" a condição atual no atendimento de transplantes. Para ela, há inutilização da equipe da Central de Transplantes...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Cidades Domingo, 02 de fevereiro de 2014, 00h00

90% da visão pode ser restaurada

Da Redação

Maioria das córneas doadas em Mato Grosso é captada pelo Banco de Olhos, estrutura localizado no Hospital de Olhos em Cuiabá. O Instituto Médico Legal (IML) costuma ser a principal ponte entre os que doam e aqueles que precisam de um novo tecido, que pode restaurar até 90% da função da visão. Depois da autorização de familiares para a doação, o coordenador técnico do Banco de Olhos, biólogo Alexandre da Silva Roque, é quem capta as córneas...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: **www.gazetadigital.com.br** Cidades Terça, 04 de fevereiro de 2014, 00h00

RISCO À SAÚDE

População deve fazer combate do caramujo

Amanda Alves / Da Redação

População da Capital está convocada a combater manualmente os caramujos africanos, um molusco que se prolifera rapidamente e não possui predador natural no país. O alerta é da Defesa Civil de Cuiabá e do Centro Municipal de Controle de Zoonoses, que distribuem um manual de como coletar, matar e enterrar o animal. Apesar de ainda não ter notificação de pessoas infectadas pelo caramujo africano, os órgãos de controle alertam para os riscos de doenças como meningite e peritonite, um tipo de inflamação no abdome.

A busca por informações no Centro de Zoonoses este ano aumentou, principalmente de moradores de bairros periféricos. Há cerca de 7 anos os moradores da Capital já registram a invasão de caramujos em quintais e residências...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: **www.gazetadigital.com.br** Política Segunda, 03 de fevereiro de 2014, 12h41

até dia 15

Silval pede agilidade aos deputados na aprovação do MT Prev

Gláucio Nogueira, repórter do GD

Marcus Vaillant

Durante a abertura do ano legislativo, nesta segunda-feira (3), o governador Silval Barbosa (PMDB), em pronunciamento, pediu aos deputados estaduais que analisem como prioridade o Projeto de Lei que cria o Fundo de Previdência de Mato Grosso (MT Prev). O Estado tem até o dia 15 para sancionar a legislação, que unificará o regime previdenciário dos 3 poderes e dos órgãos autônomos.

Silval classificou a aprovação como uma forma de salvação dos servidores e do Estado e ressaltou que os trabalhos, que já foram encaminhados à Assembleia Legislativa, foram feitos obedecendo orientação do Ministério da Previdência Social. “Vamos criar um modelo de previdência que seja modelo para o país. O secretário do Ministério tem vindo para Mato Grosso olhar a legislação, contribuir e se colocou à disposição para falar sobre esse modelo”.

Presidente da ALMT, Romoaldo Júnior (PMDB) destaca que o projeto será colocado em discussão na próxima semana, o que, segundo ele, garantiria uma eventual aprovação até o prazo, dado pelo Ministério. “Este texto deve ser aprovado sob o risco do Estado entrar em um quadro de inadimplência, paralisando tudo. Como criamos uma comissão especial no ano passado, acho que temos prazo e conseguiremos”.

Tão logo o assunto seja colocado em discussão, Romoaldo prevê uma série de discussões com os outros Poderes, bem como com integrantes do Fórum Sindical, que congregam os servidores públicos. “Temos alguns setores que não aceitam, mas entendemos ser necessário. Ou faz isso ou quebra, não recebemos mais certidões negativas de débitos”.

O fundo – Atualmente, Mato Grosso conta com cerca de 35 mil servidores pensionistas ou aposentados. Cada Poder e órgão possui um regime próprio de previdência e a aprovação do MT Prev possibilitaria a criação de 3 fundos, que custeariam os gastos com os inativos.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Cidades Terça, 04 de fevereiro de 2014, 00h00

BOLSA FAMÍLIA

98% cumprem compromissos com saúde

Lisânia Ghisi / Da Redação

Mais de 98% das crianças e gestantes de Mato Grosso que recebem o Bolsa Família tiveram acompanhamento na área da saúde durante o segundo semestre de 2013. Levantamento do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) aponta que das 70,6 mil crianças com idade entre 0 a 7 anos, 69,8 mil estão com o cartão de vacinação e pesagem em dia. Já das 2.990 gestantes cadastradas no programa, 2.663 cumpriram todas as etapas do pré-natal. Ambas as ações são necessárias para que os beneficiários continuem recebendo os valores do projeto...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.gazetadigital.com.br Cidades Terça, 04 de fevereiro de 2014, 00h00

Haverá apoio se ocorrer epidemia

Da Redação

A Defesa e Proteção Civil de Cuiabá informa que a proliferação será combatida, inicialmente, com os próprios moradores. Mas não descarta o apoio do Exército caso a situação fuja do controle. O registro de contaminação e uma consequente epidemia é o termômetro para acionar o apoio do contingente. A campanha de combate ao caramujo africano visa repassar informações à população através da imprensa e panfletos produzidos pelo Centro Municipal de Controle de Zoonoses. As orientações também se estendem aos escorpiões, animais venenosos que surgem nas residências no período de chuva...

Leia mais na edição impressa de A Gazeta.

Fonte: www.midianews.com.br

COTIDIANO / SAÚDE PÚBLICA

02.02.2014 | 09h40 - Atualizado em 03.02.2014 | 09h07

Tamanho do texto A- A+

Pacientes reclamam de atendimento em UPA de Cuiabá

Prefeitura diz que caos é resultado de falta de conscientização e alta demanda externa

Tony Ribeiro/MidiaNews

Clique para ampliar

População reclama de tempo de espera e superlotação em UPA da Morada do Ouro

LISLAINE DOS ANJOS
DA REDAÇÃO

Criada com a finalidade de facilitar o atendimento de urgência e emergência para os pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), a Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) da Morada do Ouro (Região Norte), em funcionamento desde junho de 2013, é alvo constante de críticas dos usuários.

Longas filas de espera, superlotação e estresse são as principais queixas já feitas por quem precisou do serviço, o que não existiria, segundo os cálculos do Ministério da Saúde e da Prefeitura de Cuiabá, se as quatro unidades previstas para o município já estivessem em funcionamento.

Previstas na Polícia Nacional de Urgência e Emergência, lançada pelo Ministério da Saúde em 2003, as UPAs de Cuiabá – cada uma de porte III, com capacidade

para atender um região com até 300 mil habitantes – têm previsão de inauguração apenas em 2015.

Como a Capital possui pouco mais de 560 mil habitantes, o número seria suficiente para atender a demanda da população por mais alguns anos, sem risco de saturação. Isso, pelo menos, é o que defende o secretário-adjunto de Assistência da Secretaria Municipal de Saúde, Fernando Antônio Santos e Silva.

Tony Ribeiro/MidiaNews

Local vive cheio; Município aponta falta de conscientização da população como um dos problemas

De acordo com os dados do Ministério da Saúde, unidades do porte dessas que estão previstas para Cuiabá conseguem realizar, de forma satisfatória, até 450 atendimentos por dia.

Porém, a primeira e única unidade em funcionamento na Capital registra até 600 atendimentos por dia – dado que se agravou com o fechamento da Policlínica do Planalto no final de outubro passado para reforma, que foi destelhada após uma chuva. A unidade atendia cerca de três mil pessoas por mês e deve ser reaberta em fevereiro.

Além disso, com a abertura da UPA, o Município decidiu transformar a antiga Policlínica do CPA I em um Centro de Saúde da Família, voltando o atendimento no local para a atenção básica.

Segundo o secretário-adjunto, apesar das críticas, a unidade tem conseguido prestar o atendimento a que se propôs, auxiliando, principalmente, na diminuição do fluxo de pessoas que se voltavam para o Pronto-Socorro de Cuiabá quando precisavam de atendimento menos sério.

“Só a UPA da Morada do Ouro atende, em média, de 10 mil a 12 mil pacientes

por mês. O Pronto-Socorro atende uma média de três mil. Hoje ele está fazendo o papel dele, de atender apenas os casos realmente graves", disse.

"Chá de cadeira"

Quem passa pela UPA da Morada do Ouro em qualquer período do dia nunca vê a unidade "tranquila".

A funcionária pública Evair Rodrigues de Almeida, 60, já precisou do serviço da UPA duas vezes, uma para o atendimento de um sobrinho e outra para si mesmo, na última semana.

Tony Ribeiro/MidiaNews

UPA Pascoal Ramos: iniciada em abril de 2012, unidade tem previsão de entrega para o final deste ano

Com pressão alta e de pulseira amarela no punho, ela aguardava ser chamada pelo médico – o que ocorreu em menos de meia hora desde sua chegada – e contou que, na primeira vez, desistiu de esperar pelo atendimento do sobrinho, após duas horas de espera.

"Cheguei às 21h e saí às 23h, sem atendimento. Tinha só um médico de plantão. Acho que a UPA ficou sobrecarregada. O atendimento aqui, muitas vezes, exige a presença de mais médicos, porque vem gente daqui e de todo o Estado com gripe, tuberculose, hanseníase, vítima de tiro e de todo o Estado. Falta conscientização. Você tem que procurar realmente numa emergência", afirmou.

Mas o atendimento rápido não é regra. A espera em alguns casos menos graves, segundo o coordenador da unidade, Samir Katunata, chega a ser de, em média, quatro horas.

É o que ocorreu, por exemplo, com a dona de casa Simone Vieira, 33, que levou o filho de 11 meses pela segunda vez à UPA. O bebê estava gripado e com a pulseira verde no punho.

Para ela, a demora maior é sempre na recepção da unidade, para passar pelo momento de triagem e classificação de risco.

“Primeiro você passa pela enfermeira para saber se seu caso é grave. Demora demais lá na frente, para ela colocar a pulseirinha. Da outra vez, chegaram uns presos que foram atendidos primeiro, antes de atender a gente. Achei uma falta de respeito muito grande, até porque o atendimento já é péssimo. Fiquei indignada”, disse.

Segundo Simone, na primeira vez, o atendimento foi feito em 1h30. Na última quinta-feira (30), porém, ela já estava há três horas no local e reclamava da falta de funcionários.

“Hoje cheguei 7h e foram me atender para a triagem 8h. Faltam mais médicos, mais pessoas capacitadas para atender. Eram 7h e não

“"Eram 7h e não tinha ninguém para atender, só uma mulher distribuindo senha. O pessoal da recepção e da triagem não estava aqui. Entregaram o plantão e não ficou ninguém"

tinha ninguém para atender, só uma mulher distribuindo senha. O pessoal da recepção e da triagem não estava aqui. Entregaram o plantão e não ficou ninguém. Então, a pessoa chega passando mal e ainda tem que pegar a senha e esperar funcionário chegar, sendo que ele já deveria estar aqui? É complicado”, reclamou.

Classificação de risco

Ao chegar à UPA, os pacientes passam pela avaliação de uma equipe de

triagem, formado por enfermeiros, que são responsáveis pelo atendimento preliminar.

Na sequência, a equipe faz a classificação do paciente, por meio de pulseiras, nas zonas vermelha (emergência de atendimento imediato, com risco de morte); amarela (emergência sem risco de morte imediato); verde (atendimento menos urgente e mais ambulatorial); e azul (atendimento sem urgência, para quem quer renovar receita ou pegar um atestado, por exemplo).

“Em todo país do mundo que é desenvolvido, onde há pronto-atendimento, eles funcionam com classificação de risco, onde você classifica por cores. Os pacientes verdes e azuis, podem esperar, pelo protocolo, de seis a oito horas. Não é que a gente queira que eles esperem, mas ele pode esperar, se necessário. Isso é internacional, não foi uma invenção nossa”, explicou Silva.

Anteriormente, segundo o secretário, havia filas e o atendimento era feito por ordem de chegada, o que comprometia o atendimento imediato de um paciente que estivesse enfartando, por exemplo, e que não pode esperar.

“Por isso que, antigamente, morria muita gente na fila. Falta conscientização de boa parte da população, qual o papel da UPA e saber se comportar lá, entender que foi feita uma triagem para classificar os pacientes pela cor e que há prioridades. Tem um protocolo a ser seguido.”, afirma.

"Falta conscientização de boa parte da população, qual o papel da UPA e saber se comportar lá, entender que foi feita uma triagem para classificar os pacientes pela cor e que há prioridades"

Justificativas

O Município alega, porém, que as razões para o tumulto e as longas filas de espera no local continuam sendo fatores como falta de conscientização da

população, a deficiência da cobertura de atenção básica oferecida pela própria Prefeitura de Cuiabá à população e a alta demanda de municípios do interior, que acabam sendo absorvidos pela rede municipal de saúde.

“Recebemos vans, microonibus e ambulâncias de Confresa, do sul de Rondônia, Chapada dos Guimarães, Nossa Senhora da Guia, Acorizal, Santo Antônio do Leverger, até mesmo Bolívia, Rondônia, Pará. Uma UPA atende de 250 a 450 pacientes com qualidade por dia. Hoje está chegando a 600, dependendo do dia. Daí desce 50 pessoas de um ônibus [de outra cidade] e tudo tumultua”, disse Silva.

Para o secretário-adjunto, a população precisa entender qual a real função de uma UPA e passar a se encaminhar no local apenas se seu caso realmente demandar atendimento de urgência e emergência. Do contrário, o tempo de espera continuará longo.

“Você deve procurar uma UPA para queixas agudas, coisas recentes. E o médico não fazer um acompanhamento, porque lá funciona em regime de plantão. O acompanhamento é feito na rede de atenção básica, nos centros de saúde e PSFs. Mas, boa parte da população que vai para a UPA quer acompanhamento: renovar receita, pegar atestado, tratar de uma dor que sente há meses, enfim”, justificou.

Soma-se a isso o envio de pacientes de outros municípios, que, segundo Silva, chegam à unidade pensando que se trata de um hospital comum, o caos é instalado.

“Quando eles chegam, nos temos que classificar todo mundo e atender. Mas aumenta o tempo de espera. E Cuiabá não recebe nenhum recurso só Estado para fazer isso. Quem está pagando tudo isso aí é o munícipe cuiabano”, afirmou.

Tony Ribeiro/MidiaNews

De acordo com o coordenador da UPA, com a procura correta – não por serviços ambulatoriais – e sem a demanda externa, o sofrimento da população no local iria diminuir.

Antiga Policlínica do CPA I, transformada em Centro de Saúde após abertura de UPA

"A demanda externa equivale a 20% do nosso atendimento diário, principalmente vindos de municípios da Baixada Cuiabana. Sem isso, a espera não seria tão longa", disse.

Além disso, outro problema é que Cuiabá ainda não tem uma cobertura ideal de atenção básica, que seria um número ideal de unidades de Programa de saúde da família (PSFs), para consultas menos sérias e de acompanhamento.

Segundo dados do Município, atualmente metade da população da Capital tem um posto perto de casa e a outra metade, não.

"Hoje, temos 70 PSFs e 21 Centros de Saúde, que abrangem aproximadamente 50% da cidade. Teríamos que praticamente dobrar esse número. Se você considerar que 20% da população tem plano de saúde e 80% não – segundo dados do Ministério da Saúde – não precisaríamos dobrar, mas, ainda assim, tem que aumentar", disse Silva.

A promessa do prefeito Mauro Mendes (PSB) é chegar até o final deste ano com 102 unidades de PSFs funcionando, com a inauguração de 15 unidades que já estão em construção e a transformação de alguns Centros de Saúde – que estão caindo em desuso – em PSFs.

De acordo com Silva, não faltam médicos na unidade, que conta com oito salas de atendimento – com quatro clínicos-gerais, dois pediatras , um médico "coringa" (que atende tanto adultos quanto crianças, dependendo da demanda) e um

médico emergencista, exclusivo para atendimento de pacientes de pulseira vermelha – e um consultório odontológico com um dentista de plantão 24h.

Tony Ribeiro/MidiaNews

Policlínica do Planalto: local fechou para reforma em outubro de 2013 e deve ser reaberto este mês

"Fizemos algumas alterações para tentar melhorar a questão da assistência na UPA, porque uma UPA prevê cerca de seis médicos, mas nós deixamos, em média, de sete a oito médicos de plantão", afirmou.

Outras UPAs

Atualmente, encontra-se em construção a UPA do Pascoal Ramos (Região Sul), que já deveria ter sido entregue junto com a UPA da Morada do Ouro, mas cuja obra ficou paralisada devido a impasses quanto à localização e gastos excessivos para terraplanagem do terreno, tendo sido retomada apenas no final do ano passado.

A obra começou a ser realizada em abril de 2012 e, agora, tem previsão de conclusão para o final deste ano.

Outras duas UPAs que ainda estão previstas para serem entregues até fevereiro de 2015 são as das regionais Leste, que será construída no início da Estrada do Moinho (Jardim Leblon), e Oeste, junto à Policlínica do Verdão, no bairro de mesmo nome.

Com a obra finalizada, a Prefeitura tem um prazo de aproximadamente 60 dias para equipar a unidade e montar a equipe que irá trabalhar no local, a fim de abrir as portas das UPAs para a população.

Segundo o secreta-adjunto de Assistência, cada UPA custa cerca de R$ 4 milhões apenas para ser construída, valor do qual R$ 2,6 milhões são repassados pelo Ministério da Saúde, e o restante é assumido pela Prefeitura.

Dessas, a única que deverá extrapolar o valor previsto é a UPA Pascoal Ramos, devido aos problemas enfrentados no início da obra.

Em todo o Estado, o Ministério da Saúde prevê a construção de 18 UPAs, dos mais variados portes.

COTIDIANO / VÍRUS HPV

02.02.2014 | 14h19 - Atualizado em 02.02.2014 | 14h19

Tamanho do texto A- A+

Vacinação contra divide opinião de médicos

28 médicos de saúde da família se diz contrário à imunização

FOLHA DE S. PAULO

A quase um mês do início da vacinação de meninas contra o vírus HPV em escolas e postos de saúde, um grupo de ao menos 28 médicos de saúde da família se diz contrário à imunização, gerando conflito com outras especialidades médicas.

Eles levantam dúvidas sobre a segurança da vacina e dizem que faltam evidências científicas de que ela vá mesmo proteger a mulher contra o câncer de colo de útero.

O Ministério da Saúde e três sociedades médicas (pediatria, ginecologia e de imunização) rebatem as críticas e garantem que a imunização é eficaz e segura.

A vacina, que será ofertada a partir de 10 de março a meninas de 11 a 13 anos, é recomendada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Estudos clínicos feitos até o momento demonstram que ela é eficaz contra verrugas e lesões genitais causadas pelo HPV. O vírus (tipos 16 e 18) está relacionado a 70% dos casos de câncer uterino.

"O câncer de colo mata, mas a vacina não demonstrou até o momento que evitará essas mortes. Ela previne as verrugas e lesões no colo do útero, que não matam. A maioria absoluta delas regride", afirma o médico de família Gustavo Guzzo, professor de clínica geral da USP.

As lesões com chances de evoluir para câncer podem ser detectadas em exame papanicolaou, que deveria ser mais abrangente e eficiente no país, diz Rodrigo Lima, médico de família em Recife (PE).

"A vacina e o papanicolaou são estratégias complementares, não excludentes. A grande maioria das mulheres, independentemente do nível socioeconômico, não tem organização para fazer exames rotineiros de papanicolaou", rebate o médico Gabriel Oselka, da Sociedade Brasileira de Imunizações.

Para ele, o efeito da vacina na redução dos casos de câncer e na mortalidade ocorrerá a longo prazo.

O tumor é a quarta causa de morte por câncer em mulheres-são 9.000 por ano.

Os médicos de família também questionam a segurança da vacina. Em países como Espanha, EUA e Japão há relatos de reações graves, como paralisias e mortes. Mas não foi comprovada a relação desses eventos com a vacina.

Desde agosto, o Japão não recomenda mais a vacina.

"Só de imaginar uma filha minha com paralisias causadas por uma vacina dessas, descarto a ideia rapidinho", diz Lima, pai de três filhas.

Nilma Neves, da Febrasgo (federação das sociedades de ginecologia e

obstetrícia), diz que a vacina é segura e que as reações graves podem ter sido apenas coincidência.

Fonte: www.midianews.com.br

COTIDIANO / VÍRUS HPV

02.02.2014 | 14h19 - Atualizado em 02.02.2014 | 14h19

Tamanho do texto A- A+

Vacinação contra divide opinião de médicos

28 médicos de saúde da família se diz contrário à imunização

FOLHA DE S. PAULO

A quase um mês do início da vacinação de meninas contra o vírus HPV em escolas e postos de saúde, um grupo de ao menos 28 médicos de saúde da família se diz contrário à imunização, gerando conflito com outras especialidades médicas.

Eles levantam dúvidas sobre a segurança da vacina e dizem que faltam evidências científicas de que ela vá mesmo proteger a mulher contra o câncer de colo de útero.

O Ministério da Saúde e três sociedades médicas (pediatria, ginecologia e de imunização) rebatem as críticas e garantem que a imunização é eficaz e segura.

A vacina, que será ofertada a partir de 10 de março a meninas de 11 a 13 anos, é recomendada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Estudos clínicos feitos até o momento demonstram que ela é eficaz contra verrugas e lesões genitais causadas pelo HPV. O vírus (tipos 16 e 18) está relacionado a 70% dos casos de câncer uterino.

"O câncer de colo mata, mas a vacina não demonstrou até o momento que evitará essas mortes. Ela previne as verrugas e lesões no colo do útero, que não matam. A maioria absoluta delas regride", afirma o médico de família Gustavo Guzzo, professor de clínica geral da USP.

As lesões com chances de evoluir para câncer podem ser detectadas em exame papanicolaou, que deveria ser mais abrangente e eficiente no país, diz Rodrigo Lima, médico de família em Recife (PE).

"A vacina e o papanicolaou são estratégias complementares, não excludentes. A grande maioria das mulheres, independentemente do nível socioeconômico, não tem organização para fazer exames rotineiros de papanicolaou", rebate o médico Gabriel Oselka, da Sociedade Brasileira de Imunizações.

Para ele, o efeito da vacina na redução dos casos de câncer e na mortalidade ocorrerá a longo prazo.

O tumor é a quarta causa de morte por câncer em mulheres-são 9.000 por ano.

Os médicos de família também questionam a segurança da vacina. Em países como Espanha, EUA e Japão há relatos de reações graves, como paralisias e mortes. Mas não foi comprovada a relação desses eventos com a vacina.

Desde agosto, o Japão não recomenda mais a vacina.

"Só de imaginar uma filha minha com paralisias causadas por uma vacina dessas, descarto a ideia rapidinho", diz Lima, pai de três filhas.

Nilma Neves, da Febrasgo (federação das sociedades de ginecologia e obstetrícia), diz que a vacina é segura e que as reações graves podem ter sido apenas coincidência.